

# Guilherme de Almeida – Na cidade da névoa

Na Cidade da Névoa um triste abril desfolha  
Os plátanos da rua. Um tédio longo e lento  
Desce numa neblina e friamente molha  
A desanimação do pardo calçamento.

O vento anda a arrepiar a pele dos telhados  
E a arrastar pelo chão as folhas amarelas,  
Deixando, no torpor das ruas paralelas,  
Um nervoso ranger de tafetás molhados.

O mês de abril empoa os céus de cinza e pinta  
As árvores de cromo. O mês de abril tem trinta  
Quartas-Feiras de Cinzas: e a Cidade desfia  
Trinta dias de spleen e de neurastenia.

Cinzento mês de abril, Ó mês tuberculoso!  
A Cidade parece o asilo silencioso  
Onde tosem, dorida e ininterruptamente,  
As torres, o arvoredado e os magros combustores.

Dobram sinos: e os campanários cismadores  
Pelas tardes de abril têm acessos de tosse  
Que vêm despedaçar o coração da gente.  
Nas alamedas passa um ventozinho doce:  
E curvando-se então os plátanos corcundas,  
Põem-se a tossir. E os combustores tosem quando,  
Nestas noites de outono escuras e profundas,  
Assobiam na rua os contagiosos ventos  
E as chuvas outonais escorrem acordando  
Nos caixilhos de ferro os vidros sonolentos.

E as neblinas da noite, irmãs de caridade,  
Passam sob o adejar do linho dos capuzes.

Redobram de furor, nas ruas da Cidade,  
Hemoptises de sons, de folhas e de luzes.

**Guilherme de Almeida, Melhores poemas**